

MANTHIA DIAWARA

PERCURSOS INTENSIVOS INTENSIVE COURSES

12 / 05

15 / 09 / 2017



Palestras em torno dos filmes ► 7 setembro – 18h

Lectures around the films ► September 7th – 6pm

“Cinema e diáspora, entre o espelho e o retrovisor/Cinema and diaspora, between the mirror and the rear-view mirror”

Por/by Mamadou Ba
(Plataforma Afrodescendentes de Portugal, Movimento SOS Racismo)

De todas as artes ditas modernas, o cinema é, provavelmente, aquela que mais consegue aproximar-se da versatilidade da tradição oral africana, onde existe a possibilidade, tal como fazem o *Griot* ou o ancião, de falar com horizontalidade com e para todos ou, pelo menos, para uma grande maioria. Esta horizontalidade do discurso do cinema permite apresentar, narrar, representar e recriar imaginários e realidades que, mesmo estando longe do país, nos teletransportam para dentro dele e das suas vivências. Dizia Ousmane Sembène que “o cinema é para falar para um africano que vive no estrangeiro como para um agricultor que está na mais recôndita das aldeias do continente africano”. Este jogo de espelho-retrovisor permite manter uma ligação afetiva umbilical com o país de origem. Na diáspora, os filmes condensam o passado no presente e são um refúgio contra o fantasma de desenraizamento.

No cinema africano em geral, e no de Manthia Diawara em particular, o exílio, mais do que afastamento territorial, é também encontro e desencontro do presente com a memória e a História. Ver no espelho do presente é espreitar pelo retrovisor do passado em busca de raízes e sentidos da nossa condição diaspórica e a sua ligação com as dinâmicas presentes herdadas dos processos históricos da construção das identidades que confluem na constituição do sujeito político africano. Em **“Conakry Kas”** e **“Bamako Sigi-Kan”**, esta busca de reconciliação do presente com a memória e a História é uma metáfora do que sobrou e ainda está por concretizar do sonho pan-africanista. E, por incrível que pareça, o sentimento pan-africanista está mais vivo e tem maior significado na diáspora do que no continente.

Ao fim e ao cabo, nesta palestra pretende-se discutir, por um lado, entre outros aspetos que abordam os filmes de Manthia Diawara, como o cinema é para a diáspora uma

forma de se olhar a si própria e como a nostalgia no “exílio pode restituir a África” as comunidades diaspóricas, através da reconstrução de imaginários sonhados e/ou vividos. E, por outro lado, como o cinema pode ser um lugar de refúgio face às agruras do exílio, do desenraizamento, muitas vezes do isolamento e como, sobretudo, o retrovisor do tempo que passou e o espelho do presente que nos liga ao passado são a esconjura da distopia que sobreviveu das utopias passadas e por vir.

Of all the so-called modern arts, cinema probably comes closest to matching the versatility of African oral tradition, where the possibility exists of speaking horizontally, like the Griot or the elders, with and to all or at least the vast majority. The horizontality of cinema as a discourse enables one to present, narrate, represent and recreate imagined scenarios and realities that transport us inside those experiences despite our being geographically distant from a country. As Ousmane Sembène once said, “cinema speaks as much to an African living abroad as it does to a farmer in the remotest village on the African continent.” This interplay between mirror and rear-view mirror allows for an emotional umbilical connection with one’s country of origin. In the diaspora, films condense the past in the present and serve as a refuge against the phantasm of uprootedness. In African cinema in general and in Manthia Diawara’s films in particular, exile more so than territorial displacement is both an encounter and a missed encounter between the present and memory and history. Peeking in the mirror of the present is the rear-view mirror of the past, in search of the roots and meanings of our diasporic condition and its link to the inherited dynamics of historical processes in identity construction that lead to the constitution of the African political subject. In “Conakry Kas” and “Bamako Sigi-Kan”, this quest to reconcile the present with memory and history is a metaphor of what has remained and has yet to be achieved in the pan-African dream. As incredible as it sounds, pan-African sentiment is now more alive and of greater significance in the diaspora than on the continent.

Amongst other aspects of Manthia Diawara’s films, this lecture aims to discuss how, on the one hand, cinema is, for the diaspora, a way of looking at oneself and how nostalgia in “exile can restore Africa” in diasporic communities by

reconstructing imagined and/or lived scenarios, and on the other, how cinema can be place of refuge against the hardships of exile, uprootedness and isolation. And how the rear-view mirror of past time and the mirror of the present linking us to the past are an exorcising of the dystopic remains of the utopias of the past and of those to come.

Filmes/Films

16h/4pm ► Conakry Kas

(2003, Mali, 82’)

Legendado em inglês/English subtitles

19h30/7.30pm ► Bamako Sigi-Kan

(2002, Mali, 76’)

Legendado em inglês/English subtitles

15 setembro/September 15th



18h/6pm



Palestra de encerramento com Manthia Diawara

Galeria Avenida da Índia
Avenida da Índia, 170
1400-207 Lisboa, Belém
Terça a Sexta-feira, 10h-13h/14h-18h
Tuesday to Friday
Sábado e Domingo, 14h-18h
Saturday and Sunday
Última admissão: 30 min antes da hora de encerramento
Last admission: 30 min before closing
Entrada gratuita
Free entrance

EGEAC - GALERIAS MUNICIPAIS
Acompanhe-nos em/ Follow us at:
www.facebook.com/galeriasmunicipaislisboa
www.instagram.com/galeriasmunicipais
EVENTO FACEBOOK
www.facebook.com/events/1875064246051900

EGEAC

